

**NARRATIVA ORAL DO POVO KOKAMA DA COMUNIDADE DE TAUARU:
REVITALIZAR, TRANSMITIR E PROPAGAR**

Valdonei Rodrigues Carvalho
Especialista em Educação, Saúde e Saberes Tradicionais na UEA/CESTB
E-mail:valdonei.vrc22@gmail.com

Maria Auxiliadora Coelho Pinto
Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia –UFAM
E-mail: auxicoelho@hotmail.com

RESUMO

A narrativa oral do povo Kokama é transmitida a partir desses escritos com o intuito de valorizar os conhecimentos cultural e ancestral do povo. São histórias advindas da memória coletiva dos anciãos Kokama. Os contos ancestrais foram transmitidos pelos antigos sabedores Kokama da comunidade Indígena de Tauaru, pertencente ao município de Tabatinga, Amazonas, localizada na Tríplice Fronteira: Brasil, Colômbia e Peru. O povo Kokama viveu e vivenciou passado de negações, discriminação, opressão, dominação e tirania por parte dos padrões seringalistas que atuavam de forma opressora na região do rio Solimões. Atualmente, as comunidades estão trabalhando e se organizando sob a perspectiva de revitalização cultural e lutando pelos direitos ao pertencimento às suas terras originárias demarcadas. Este trabalho busca trazer relatos das narrativas do povo Kokama nas vozes dos antigos moradores da comunidade Tauaru, considerando a importância desses registros, sendo que as memórias culturais e tradicionais estão se perdendo ao longo dos tempos, principalmente com a passagem para o plano espiritual da ancestralidade desses detentores dos conhecimentos. Para eles é algo que aconteceu e acontece de forma real. Os fenômenos sobrenaturais que foram presenciados por vários moradores que vivem nessa localidade; algo, muitas vezes, sem explicação, mas que, de certa forma, causam temores entre as pessoas dessa região. O sobrenatural interfere diretamente no dia a dia desses moradores, fazem parte da vivência, que faz promover um estilo de vida diferenciado. Tudo gira em torno desses fatos, fazendo com que os moradores tenham horários para trabalhar, pescar, caçar e evitar sair à noite por medo de presenciar tais fenômenos sobrenaturais. Dessa forma, o intuito desses escritos é fazer a exposição dessa literatura detalhadamente para propagar e preservar os conhecimentos culturais desse povo.

Palavras-chave: Narrativa Kokama; Transmissão de saberes ancestrais; Sobrenatural.

**ORAL NARRATIVE OF THE KOKAMA PEOPLE OF THE TAUARU COMMUNITY:
REVITALIZE, TRANSMIT AND PROPAGATE**

ABSTRACT

The oral narrative of the Kokama people is transmitted from these writings in order to value the cultural and ancestral knowledge of the people. These are stories that come from the collective memory of the Kokama elders. The ancestral tales were transmitted by the ancient Kokama scholars of the Indigenous community of Tauaru, belonging to the municipality of Tabatinga, Amazonas, located on the Triple Frontier: Brazil, Colombia and Peru. The Kokama people lived and experienced a past of denial,

discrimination, oppression, domination and tyranny by the rubber bosses who acted in an oppressive way in the region of the Solimões River. Currently, communities are working and organizing themselves from the perspective of cultural revitalization and fighting for the rights to belong to their original demarcated lands. This work seeks to bring reports of the narratives of the Kokama people in the voices of the former residents of the Tauaru community, considering the importance of these records, and the cultural and traditional memories are being lost over time, mainly with the passage to the spiritual plane of ancestry of these knowledge holders. For them it is something that happened and happens in a real way. The supernatural phenomena that were witnessed by several residents who live in that locality; something, many times, without explanation, but which, in a way, causes fear among the people of that region. The supernatural interferes directly in the daily lives of these residents, they are part of the experience, which promotes a different lifestyle. Everything revolves around these facts, causing residents to have schedules to work, fish, hunt and avoid going out at night for fear of witnessing such supernatural phenomena. In this way, the purpose of these writings is to expose this literature in detail to propagate and preserve the cultural knowledge of this people.

Keywords: Kokama Narrative; Transmission of ancestral knowledge; Supernatural.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda sobre a narrativa oral do tradicional povo Kokama, da comunidade de Tauaru, situada às margens do Rio Amazonas, microrregião do Alto Solimões, no Paraná da Saudade, pertencente ao município de Tabatinga-AM. Na localidade Kokama de Tauaru, a maioria das famílias Kokama sobrevive da agricultura, pesca e caça. O grupo já aderiu e possui um calendário diferenciado e próprio onde prioriza, de acordo com o período, cada atividade, conforme a tradição milenar perpassada pelos antepassados. Assim, dão continuidade às suas tradições, apesar de interferência externa à comunidade.

Esse povo tradicional expõe em seus relatos os enredos da mitologia de forma curiosa, fantástica e contundente. A abordagem da temática surgiu ao considerar a necessidade de preservação da literatura do povo tradicional Kokama, para assim fortalecer a cultura e as manifestações tradicionais, evidenciando, também, os processos identitários desse povo.

Destaca-se a importância desse estudo sobre os aspectos literários da cultura do povo Kokama, que se dá pelo fato de conhecer e trazer para o conhecimento da sociedade esses saberes originários armazenados nas memórias dos sábios anciãos Kokama, que ficarão para estudos de pesquisadores, estudiosos e às futuras gerações Kokama dessa e de outras regiões.

Ao ponderar que as memórias culturais e tradicionais estão se perdendo com o passar dos anos, singularmente pela perda dos detentores de tais conhecimentos, a pesquisa objetiva trazer relatos das narrativas do povo Kokama nas vozes dos antigos moradores da comunidade Tauaru. Esta investigação e coleta das narrativas orais ocorreu na referida comunidade indígena, para onde os pesquisadores dirigiram-se com a finalidade de saber sobre as histórias, origens do povo, os processos e a saga dos heróis da mitologia, os mistérios, os atos dos sobrenaturais, e os locais que aparecem e desaparecem na comunidade.

Para fazer a coleta das histórias sobre os acontecimentos sobrenaturais Kokama, contou-se com a participação, contribuição e informação *in loco* dos líderes comunitários da localidade que possuem os saberes e conhecimentos tradicionais e interculturais. Foram muitas histórias ouvidas e coletadas; algumas estão descritas neste trabalho. Além da coleta das narrativas, aproveitou-se o ambiente para acompanhar a vida ribeirinha e as atividades de pesca e coletas de frutas e saborear a iguaria do local. Essas experiências foram acompanhadas e orientadas por anciões da etnia.

O deslocamento até o Paraná da Saudade – onde está localizada a comunidade, local da pesquisa – é longo. Ao chegar, logo se percebeu o quão místico era aquele cenário amazônico e quão variadas eram as histórias que estavam e estão guardadas no imaginário das pessoas antigas que lá residem. Os interlocutores estavam à espera para fazer a narrativa das histórias dos acontecimentos sobrenaturais vivenciados na comunidade de Tauaru.

Este artigo está estruturado em cinco seções, iniciando com esta introdução. Na segunda, aborda-se sobre a comunidade indígena de Tauaru a partir da contextualização histórica. Na terceira, destaca-se o povo Kokama, o qual vive no referido local. Na quarta, o leitor encontrará alguns dos relatos apresentados pelos anciões da comunidade. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE INDÍGENA KOKAMA DE TAUARU

A comunidade indígena Kokama era reconhecida como de Novo Brasão (atual comunidade de Tauaru). Foi fundada em 1925, a partir da chegada do senhor Gonçalo Evangelista de Almeida, oriundo do Ceará, que foi trazido para o Alto Solimões para trabalhar nessas terras como soldado da borracha e, assim, exercer a função de

seringueiro na região, como muitos que também chegavam naquela época para exercer o mesmo trabalho.

O senhor Gonçalo Evangelista de Almeida, ao chegar na localidade, logo foi para a floresta cortar seringa, coletar a seiva e produzir a borracha. Foram longos anos de trabalho, o que rendeu ao senhor Gonçalo rendas financeiras positivas para comprar um pedaço de terra para plantar, criar animais e fazer a sua casa. Casou-se com Umbelinda Xavier Carvalho e, posteriormente, nasceram os filhos: Wilson Carvalho de Almeida, Clovis Carvalho de Almeida, Narino Carvalho de Almeida, Otacilo Carvalho de Almeida e outros. Houve a chegada de outras famílias para fixar moradia no local, dentre elas, famílias indígenas da etnia Kokama. Dessa forma, aos poucos a comunidade foi sendo povoada, crescendo e se desenvolvendo.

Nesse período, a comunidade de Tauaru pertencia ao município de São Paulo de Olivença, mas não por muito tempo; logo passou a pertencer ao município de Benjamim Constant e, após, ao município de Tabatinga.

Na comunidade, a população sobrevivia com os recursos que a natureza oferecia, especificamente da agricultura, caça e pesca. No ano de 1972, alguns moradores ouviram e anunciaram a chegada na região de um padre santo, que fazia milagres. Ele estava descendo pelas margens do rio Solimões, vindo do Peru. A notícia causou grandes tumultos entre os moradores e muitos deles não esperaram no local, foram de imediato ao encontro do missionário milagroso. Ao encontrarem o tal “santo”, que se identificava como José Francisco da Cruz, levaram-no para a comunidade.

Ao chegar na comunidade, realizou a primeira missa religiosa e com os adeptos da Santa Cruz, o irmão José passou vários dias. Foi na ocasião que implantou uma cruz como símbolo da Santa Cruz e da fé católica entre os moradores de Tauaru (Paraná da Saudade) e toda área ribeirinha do Alto Rio Solimões, por onde o missionário transitou, plantando cruz, pregando o evangelho e fundando a Irmandade da Santa Cruz.

Para engradecer e fortalecer o movimento messiânico, os moradores construíram uma pequena igreja em homenagem ao profeta e à missão religiosa. Foi fervoroso mediante a fé cristã. Desse momento em diante os moradores da comunidade aceitaram e passaram a seguir a Irmandade Santa Cruz até os dias atuais. Ainda há muitos adeptos, que todos os anos fazem a festa da igreja, onde

reúnem-se muitas pessoas vindas de outros locais e municípios. A comemoração é em 2 de abril por ser a data da implantação da Irmandade.

Vale destacar que, quando a comunidade passou a pertencer ao município de Tabatinga, passou a se chamar comunidade Indígena Kokama de Tauaru, localizada à margem esquerda do rio Solimões, especificamente no Paraná da Saudade, com população atual de 700 (setecentos) habitantes, entre adultos e crianças.

A partir do que foi apresentado, no ponto seguinte, será tratado sobre o povo Kokama. Na atualidade, a população tradicional Kokama vive em harmonia com as demais parentelas e irmãos de outras etnias. Retira da natureza o que lhe é necessário para sobreviver, sem agredir os espaços ambientais.

O TRADICIONAL POVO KOKAMA: DA EXPERIÊNCIA LABORAL AO SABER MÍSTICO CULTURAL

Os Kokama constituem um povo indígena que possui o tronco linguístico tupi-guarani, conhecem e manipulam a medicina tradicional, dialogam com o universo da sobrenaturalidade, e vivem as suas histórias. Porém, ainda estão em constantes lutas para reaver os processos culturais ameaçados por muitos fatores no decorrer dos tempos.

Foram anos de predomínio dos exploradores, que deixaram marcas profundas na vida dessa população tradicional, que perpassou o tempo e marcou a história. Histórias de lamentos e revestidas de resistências, que atualmente são repassadas pelas pessoas mais antigas, que guardam em suas memórias as lembranças vividas pelos pais, avós e outros antepassados nesse período sombrio que marcou a vida desse grupo étnico dessa região (LOPES; PINTO, 2019). Na atualidade, ainda enfrentam os conflitos que são motivados pelo reconhecimento de terras, escolas, reintegração da língua materna e outros.

Vale destacar que, durante séculos, o tradicional povo Kokama se envolveu em grandes conflitos com outros povos e resistiu à ação colonizadora. Esse povo sempre estava na disputa com os seus inimigos por recursos naturais, florestais, hídricos e outros.

No Alto Rio Solimões, as populações indígenas Kokama vivem seus dias praticamente iguais aos de todos os ribeirinhos desta região fronteira: em equilíbrio com a natureza e respeitando os seus costumes, que perpassam de pais aos filhos.

Parte dos Kokama reside na comunidade de Tauaru. Mantêm-se com os recursos da terra, através do cultivo de plantas, caça e da pesca.

Os Kokama são fundamentalmente pescadores e agricultores. Praticam uma economia de subsistência em que a unidade produtiva é o grupo doméstico, que corresponde, na maioria das vezes à família nuclear, composta por pai, mãe e filhos solteiros. Entretanto, o grupo doméstico pode estar temporariamente composto pela família extensa ou parentela (PIB SOCIOAMBIENTAL, 2018).

Nas observações realizadas em campo, percebeu-se que o produto agrícola com maior consumo é a farinha de mandioca. Ela possui grande importância na alimentação da população desta região. A farinha é utilizada como produto de troca e venda, para arrecadação de rendas das pessoas. Na comunidade, fazem o cultivo de abelhas (para retirar o mel de Jandaíra, que serve de remédio), banana, mandioca, manga, açaí, graviola, camu-camu, goiaba, buriti, bacaba, coco, araçá, cacau, limão, pimentão, pimenta, tomate, entre outros. Ainda, criam galinhas, pato, porcos, gado e outros, que servem para seus sustentos.

Muitas pessoas recebem benefícios como fontes de renda, estas são as aposentadorias que alguns idosos possuem e os salários pagos pelos respectivos municípios aos professores e funcionários da escola (merendeiro, secretário, coordenador, serviços gerais e vigias). Há quem atua como agente de saúde indígena, técnico de enfermagem, entre outras funções.

Na natureza fazem os plantios de acordo com o calendário tradicional, que visa o período de enchente e seca do rio Solimões. Nos meses de enchentes dos rios, eles cultivam: goiaba, limão, açaí, buriti, bacaba, cacau, coco e outras frutas. Na temporada onde o rio Solimões encontra-se com as águas mais baixas, ou seja, durante secas dos rios plantam: milho, melancia, abóbora, mandioca e feijão.

Como já mencionado, esses consumos não se limitam apenas dentro das dependências da comunidade, transcende para o comércio; vão para a cidade de Tabatinga-AM vender os seus produtos agrícolas. O pescado é considerado como principal atividade econômica para os indígenas Kokama, realizando de diversas maneiras, até a venda na comunidade e no mercado da cidade.

Relevante fonte de renda monetária através da venda do pescado no mercado regional. Os instrumentos usados para pescar são espinhel, flecha, e corrico, sendo utilizado como timbó. Essa atividade é exclusivamente masculina. As espécies mais apreciadas e consumidas são o pirarucu, o tambaqui, e curimatã, o pacu, e Matrinxã, pirapitinga, a sardinha, a piranha, o surubim, o carauaçú e o tucunaré (PIB SOCIOAMBIENTAL, 2018).

A atividade pesqueira para os Kokama gera mantimento para as famílias e renda financeira para a aquisição de outros mantimentos, tais como: café, açúcar, sal (para a conservação do peixe), arroz, macarrão, farinha de trigo, óleo de soja, leite, bolacha, pão, materiais de higiene, entre outros.

Por fim, as duas últimas formas de mantimento são a caça e coletas no entorno. A caça ocorre nos períodos em que o rio se encontra mais baixo e, também, na época das cheias, quando caçam aves (mutuns, jacu, inambu, jacamim, pato, maguaris, arara, papagaio, mergulhão) e outros animais, tais como: jacarés, macacos, queixado, anta, veado, caititu, tatu, paca, cutia, entre outros. Os habitantes também realizam coletas – nas adjacências da aldeia – de madeiras, palhas e frutos de algumas árvores nativas da região.

Suas festas são parecidas com as da zona urbana do estado, isso ocorre devido à influência dos povos não indígenas. Essas festas são: dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, festejo da igreja, natal, ano novo, dia do índio, e outras mais. Diante disso, os Kokama vivem em contato com a natureza, preservando e respeitando seus encantos e seus mistérios.

Atualmente, convivem intensamente com a sociedade não-indígena, os Kokama constituem um povo de tradição guerreira. Eles saíam em expedições de 40, 60 ou mais canoas, ao encontro de seus inimigos. Tinham o hábito, comum em outros grupos amazônicos, de cortar a cabeça dos inimigos e com elas promover grandes festins (FIGUEROA, 1904 apud AGÜERO, 1994).

De acordo com a cultura sob a ótica da visão tradicional, a vida após a morte era concebida pelos Kokama da antiguidade como um estado desprovido de limitações e sofrimentos, em que se goza, sem medida, de todos os bens corporais que são difíceis ou perigosos na vida na terra. Nessa outra vida, reencontram seus parentes e podem viver o ideal de comer, beber, cantar e dançar com as cabeças de seus inimigos.

Ainda em vida, os xamãs (também conhecido como pajés) são aqueles que têm acesso a esses outros patamares do cosmos. Estes desenvolvem as suas funções de acordo a classe à qual pertence. Destaca e diferencia-se as classes de xamãs em Figueroa (1904 apud AGÜERO, 1994), que indica quatro classes de xamãs entre os Kokama. Inicia-se com os sopradores, aqueles que praticavam a cura através de sopros no ar, em suas próprias mãos e na parte afetada do corpo do paciente. Também sopravam a comida e a bebida, que, em seguida, era dada como remédio

ao doente. O tratamento se completava dando ao enfermo uma bebida composta por tabaco, por vezes misturado a outras ervas. Todos esses gestos eram acompanhados de invocações aos espíritos (FIGUEROA, 1904 apud AGÜERO, 1994).

Outra modalidade era a dos cantadores, que ficavam em um local próximo ao enfermo, entoando cânticos para chamar espíritos encarnados em aves ou em outros animais e rogar para que a alma do enfermo não abandonasse o corpo (FIGUEROA, 1904 apud AGÜERO, 1994).

Outro tipo de xamã era o chupador, que curava pela sucção da parte afetada do enfermo com o objetivo de tirar o feitiço (FIGUEROA, 1904 apud AGÜERO, 1994). Outra classe é a do jejuador, que desenvolve a prática dos jejuns rigorosos, onde o enfermo e seus parentes mais próximos também são submetidos a fim da melhor descoberta da origem do mal (FIGUEROA, 1904 apud AGÜERO, 1994).

Entre os xamãs mais célebres, havia aqueles que se separavam da comunidade e se retiravam em uma roça, onde jejuavam e invocavam os espíritos durante alguns dias, ao cabo dos quais voltavam com a mensagem que haviam recebido dos espíritos sobre a causa dos danos no paciente.

A outra classe, que é mais conhecida até a atualidade, fazia uso de plantas alucinógenas, em particular a *ayahuasca*, também chamada de sogá. Os rituais de consumo da *ayahuasca* duravam toda a noite e envolviam muitos participantes (AGÜERO, 1994). Logo que começava a beber *ayahuasca*, o xamã invocava em voz alta e se debatia com o espírito para que o escutasse. Em um segundo momento, caía desfalecido e o espírito se apossava de seu corpo. Finalmente, sua alma realizava um voo e o espírito passava a falar pela boca de quem recebia o espírito. Em outros casos, a alma do xamã realizava o voo, abandonando o corpo e, em seu regresso, contava por onde havia passado, e com quem havia interagido. Esse tipo de xamã é conhecido hoje entre os Kokama peruanos como “banco”, porque os espíritos se sentam sobre ele.

Os Kokama denominam o xamã como Sume. Ele é o intermediário do mundo espiritual através da *ayahuasca*. O deus Ini Jará, depois de criar a Terra e os homens, subiu ao céu, de onde passou a cuidar dos homens. O Sume é seu representante na terra. Também existe a classe dos rezadores (orações poderosas). Devido à interferência dos homens brancos nas aldeias, alguns hábitos foram se transformando e, nos dias atuais, algumas doenças são tratadas com orações, e com o uso de plantas medicinais retiradas e cultivadas na própria comunidade indígena.

A comunidade indígena Kokama de Tauaru é popularmente famosa por ter uma cultura em histórias antigas baseadas na mitologia que povoa o imaginário Kokama. Portanto, na seção posterior serão apresentados alguns desses relatos.

NARRATIVAS ORAIS À MARGEM DO RIO SOLIMÕES À LUZ DOS SABERES E EXPERIÊNCIAS KOKAMA

O imaginário Kokama destaca fatos ancestrais e outras narrativas que fazem parte do dia a dia de cada indivíduo que habita na localidade e são relatadas pelos anciões, como enfatizam Lopes e Pinto (2019, p. 11):

As narrativas são contadas pelos anciões, que se permitem abrir o baú de suas recordações, para nos repassar com todo carinho e paciência as suas vivências de tristezas, lutas, perdas, conquistas e também a variedade de crenças existentes em sua cultura. Muitas dessas pessoas já não estão no plano terrestre, mas suas memórias continuam vivas entre o povo Kokama. É o legado que permanecerá como parte do repertório cultural dessa região.

Acontecem, até hoje, acontecimentos curiosos que são narrados pelos idosos e retransmitidos pelos adultos e até pelas crianças, assim passando de geração a geração. Os episódios, na maioria das vezes, ficam sem explicação; ocorrem de forma misteriosa, fazendo com que as pessoas mudem a sua rotina. Interfere na hora de sair para pescar, caçar, trabalhar na agricultura e até para se locomover pela comunidade.

Todas essas formas de vidas são constituídas ao longo dos anos pelos moradores, que mudaram suas rotinas por presenciarem os fenômenos sobrenaturais. Um deles, bem conhecido na comunidade, é “A bruxa misteriosa”, que se trata de aparições de sobrenaturais, algo por acaso, que aparece muitas vezes de tempo em tempo. Outras vezes é contínuo, presenciado por moradores da comunidade indígena de Tauaru. Muitas pessoas acreditam nesses episódios, e outras não.

Na comunidade indígena de Tauaru, dois jovens presenciaram o tal fenômeno. Anteriormente havia vários rumores sobre aparições de bruxas misteriosas, mas não acreditavam, por isso, andavam nas ruas altas horas da noite.

Todas as noites se juntavam e saíam andando pelos caminhos da comunidade em busca de moças solteiras para namorar. Nessa época, os pais não permitiam que as filhas namorassem com quaisquer pessoas e, quando namorava, já era para casar. Por isso, os jovens andavam por trás das casas, procurando se esconder dos pais das moças. E assim namoravam sem serem vistos ou descobertos, porque se fossem pegos namorando com as meninas, eram obrigados a se casarem de qualquer forma. Como muitos deles queriam somente namorar e não queriam muito compromisso, como casamento e viver juntos, faziam tudo às escondidas. Na comunidade, no ano de 2003, as casas eram longe uma das outras, ligadas por longos caminhos.

Havia, também, muitos matagais e árvores; essa localidade era próxima à igreja da Santa Cruz. Neste local muitas pessoas já haviam visto uma mulher com vestimenta com aparência de bruxa.

Exatamente nessa noite de luar, não muito escura por conta do claro da lua, por volta das 19h30, esses jovens saíram da casa de seus tios (onde todos se reuniam para assistir os programas e as novelas que eram transmitidos na televisão) para dar uma volta na comunidade. Como os antigos da comunidade falam, saíram andando pelos caminhos, foram e não demoraram muito. Quando estavam voltando, por volta das 20h, do lado da igreja, se depararam com a presença dessa mulher, que identificaram como Bruxa Misteriosa. Ao vê-la, encheram-se de coragem e se aproximaram para reconhecer, imaginando ser uma moradora da comunidade. Ao se aproximar, identificaram que a mulher de aparência misteriosa não era uma pessoa da comunidade, mas um ser sobrenatural.

No mesmo instante, saíram correndo desesperados e com muito medo em direção à casa, onde estavam as outras pessoas assistindo televisão. Ao chegar na casa, quase não conseguiram falar de imediato sobre o que estava acontecendo e, muito assustados, após se acalmarem, começaram a falar sobre o que tinham presenciado: tinha visto uma bruxa, do lado da igreja. Logo em seguida, os tios, primos e amigos que estavam na casa, acreditando nos relatos, foram com lanternas em direção ao local onde os rapazes tinham visto a tal bruxa, sendo um quantitativo de umas quinze pessoas, que saíram para ver se encontravam algo ou se viam esse ser sobrenatural. Contudo, nada encontraram, mas causou muito alvoroço e muitos temores na comunidade.

Em consequência do susto, por terem presenciado aquele fato e tomados pelo medo, os jovens passaram tempos sem sair de casa à noite, assim como outros moradores da localidade, que não saiam à noite com cisma de encontrar a bruxa misteriosa. Foi assim que os moradores passaram a chamá-la.

À noite, nem pensavam em sair de casa. O que tinha para fazer, faziam tudo durante o dia, para evitar que fosse necessário sair pelos caminhos da comunidade. Dessa forma, vários acontecimentos foram presenciados por moradores e são contados até os dias atuais pelos remanescentes dessa comunidade.

Desde que a mulher com semblante de bruxa apareceu pela primeira vez aos rapazes, constantemente passou a aparecer para outros moradores. Então, o episódio do aparecimento da bruxa misteriosa – como ficou conhecida – passou a aterrorizar a população, interferindo na rotina dos pescadores que saiam para fachear no período da noite. Muitos saiam receosos, mas levavam consigo algo como proteção. Passaram-se os tempos, mas o fato ainda é lembrado e contado pelos moradores da comunidade indígena Kokama de Tauaru.

A história faz parte do cotidiano das pessoas e, com a evolução das populações ribeirinhas, alguns desses contos presentes nas memórias coletiva e social vêm se perdendo. Deve-se alertar para o fato de que essas narrativas são de muitíssima importância para a cultura dos indivíduos. Diante disso, crê-se que a natureza tem seus mistérios e seus encantos; muitos desses episódios chegam até nós através das histórias orais, baseadas em fatos reais, melhor dizendo, aconteceram na vida de algumas pessoas da comunidade.

Uma outra narrativa presente na tradição oral do povo Kokama de Tauaru é o “Menino encantado do Tauaru”. As aparições baseadas nesse fato se fortaleceram no

ano de 1994, quando uma criança desapareceu de cima de uma estrutura de madeira (chamada de balsa de lavar roupa), onde sua mãe estava lavando roupa.

A comunidade de Tauaru se localiza no Paraná da Saudade, às margens direitas do rio Solimões. Esse Paraná era composto por praias que serviam para a reprodução dos quelônios; os quelônios e iguanas subiam para colocar seus ovos no tempo da reprodução. Também havia peixes em abundância, sendo os mais comuns: pacu, curimatã, sardinha, mandi, bacú, surubim, caparari, mota, pirabutão, pirarara, jaú, entre outros. Igualmente era composto por barrancos na frente da comunidade, onde se localizam os portos, local que ficavam as balsas. Cada família tinha sua balsa para lavar suas roupas e vasilhas (panelas, pratos, xícaras, colheres, garfos, entre outros). Os rumores sobre tais crianças e acontecimentos se intensificaram na comunidade sobre tais aparições.

Certo dia, uma senhora moradora da comunidade desceu, foi à margem do Paraná para lavar as roupas sujas (suas, de seus filhos e de seu marido). Como seu marido tinha ido pescar com os outros filhos, não tinha com que deixar a criança pequena, que ainda engatinhava, tinha em torno de um ano e meio. Levou junto para o porto, deixou a criança em cima da balsa, dentro de uma bacia, próxima a ela. Começou a lavar roupa, lavando e colocando em outra bacia. Quando já tinha lavado quase todas as roupas, deu-se conta de que a criança não estava mais onde ela havia deixado. Desesperando e chorando, começou a procurar e caiu na água, imaginando que a criança tinha caído, mas não encontrou. Em seguida, avisou as demais pessoas sobre o ocorrido e logo a notícia se espalhou na comunidade; as pessoas vieram para ajudar a procurar a criança. O pai chegou, chorando, e com as demais pessoas também foi ajudar a procurar na água, porque a hipótese era que a criança tinha caído e havia se afogado. Procuraram, procuraram mergulhando e não a encontraram. Então, pegaram algumas redes de pesca e começaram a arrastar no fundo rio do local e das proximidades, com a esperança de que se a criança tivesse se afogado poderia se enrolar na rede, mas nada de encontrar nem um vestígio.

Uma antiga anciã da comunidade, que rezava para vários tipos de doenças e curava as pessoas, disse que sabia oração para encontrar a criança e que se ela estivesse se afogado e tivesse naquele local, ela iria rezar e iriam encontrar. Foi, pegou uma vela e uma cuia, acendeu a vela, colocou dentro da cuia e soltou na água, na localidade próxima onde a senhora estava lavando a roupa e onde a criança desapareceu. Fez as suas orações poderosas e disse que se o menino estivesse ali, a cuia com a vela iria indicar a localização. A cuia com a vela dentro ficava rodando na água, de um lado para o outro, mas não parava em nenhum lugar. Fizeram essas benzições por várias horas, mas não obtiveram êxito.

Ao verem que não tinham êxito no decorrer da procura, e não havendo mais o que fazer, ao entardecer as pessoas foram voltando para as suas casas, assim como os pais e irmãos da criança desaparecida. Mesmo inconformados com a grande perda, voltaram para a sua casa.

À noite, a mãe da criança, mesmo aos lamentos e prantos, conseguiu dormir e sonhou que a criança não havia se afogado, mas sim levada por outra criança. Portanto, ela não estava morta, mas encantou-se e já estava vivendo no fundo do rio. Desse dia em diante, as aparições das duas crianças se intensificaram. As pessoas viam e sonhavam que uma dessas crianças, que

apareciam em cima das balsas e barranco, era a que tinha desaparecido, que estava encantada e vivendo com a outra criança no fundo do rio. Como na comunidade os pescadores chegam à noite, muitas vezes entre às 22h e 00h, quando chegavam próximo ao porto da comunidade viam as crianças em cima da balsa e, ao se aproximar, pulavam na água. Outros casos aconteciam quando saíam para ver as canoas na beira – ver se as canoas estavam amarradas, porque se não tivessem bem amarradas, elas saíam baixando no rio e perdiam suas canoas – ou para pegar algo no porto (como os materiais de pesca): viam um menino com estatura de uma criança de sete anos na beira do barranco; quando se aproximavam, ela pulava na água. Outras vezes viram essas crianças brincando no meio do rio, em noite de luar, pulando de cima de uma árvore morta que se acumulam (camada de balsa ou balseiro), que passavam baixando nas correntezas do Paraná. Tudo acontecia às 23h. Conforme os relatos, nunca conseguiram chegar tão próximos dessas crianças, porque elas, ao perceberem as aproximações, pulavam e mergulhavam nas águas que correm no Paraná da Saudade. Os comunitários contam os fatos presenciados na comunidade, mas não conseguiram desvendar os mistérios das duas crianças que apareciam nos barrancos e desapareciam nas águas turvas do Paraná da Saudade.

Acontecimentos como esses mudam completamente a rotina e o modo de vida da população de Tauaru, pois a vida na aldeia é bastante marcada por fatos estranhos, mas curiosos envolvendo sobrenaturais, sendo possível sentir o medo das pessoas. Esses episódios ficam longe de nossos entendimentos por acontecerem de forma enigmática, sem hora e sem dia marcado, tanto no período do dia quanto da noite (quando tem mais incidência dos fatos). Os moradores afirmam que tudo ocorre com a interferência de seres de outros mundos.

Os seres que habitam o chamado “inframundo” tem ações reveladoras e misteriosas e que por isso mesmo não são perceptíveis pelos “olhos comuns”, entretanto, o permanente contato de uma pessoa com a natureza pode aguçar uma sensibilidade paranormal, desenvolvendo nela sentidos atrofiados e permitindo perceber o mundo sutil que nos rodeia e os seres que nele habitam (THOR, 1977).

Ao abrir as discussões sobre inframundo, relembra-se as histórias contadas, como a que retrata “o poder das orações do senhor Gonçalo”:

Em tempos antigos, nas margens esquerdas do rio Solimões, morava um senhor chamado Gonçalo, que plantava e pescava naquela região. Ele era conhecido por ser um homem valente e de caráter forte. Algumas pessoas tinham medo dele, porque ele possuía muitas orações poderosas e, quando faziam raiva a esse senhor, ele fazia acontecer muitas coisas ruins. Certo dia, ele foi pescar às margens do rio, em uma localidade distante de onde morava com sua mulher e seus filhos. Os materiais que levou para fazer a pesca eram arpões e zagaias. Como não havia motor naquela época, o meio de locomoção eram canoas pequenas, que com remo, saíam até chegarem ao local de destino. Muitas vezes, remavam por vários dias, quando era distante o local que iriam pescar. Certo dia, ao chegar neste local, logo arpoou um pirarucu grande e, assim, foi por vários dias; pegou muitos peixes, foi andar nas praias que tinham nas margens do rio e pegou muitos tracajás, tartarugas, copeços, e tirou muitos ovos de tartaruga, como se dizia na época, arrancou muitas covas de ovos. Depois disso, voltou para a sua

casa trazendo as farturas, como se dizia naquele período. Contudo, onde ele tinha pescado pertencia a outros senhores que guardavam as praias, lagos e as margens dos rios para que não fossem pescados e retirados os recursos que a natureza oferecia. Como não se pescava naquela região com frequência, existia muitas farturas, assim era muito mais fácil conseguir o sustento para a família.

Conta-se que com os peixes que tinha pescado, alimentou sua família por vários dias, mas acabou. Então, o senhor Gonçalo foi novamente pescar, mas dessa vez levou seu filho Wilson, para que pudessem pescar uma quantidade maior de peixe. Ao chegar na localidade onde tinha pescado da vez anterior, começou a pescar. Logo no primeiro dia pescou muitos peixes. No outro dia, os senhores que faziam a proteção da localidade apareceram e viram o senhor Gonçalo e seu filho pescando, ficaram com muita raiva, como se dizia na época, ficaram muito valentes. Depois de algumas discussões, os senhores que guardavam o local disseram que se ele não fosse embora, eles iriam matar ele e o filho. O senhor Gonçalo desafiou, dizendo que eles não eram homens para fazer isso. Logo, um dos senhores puxou a espingarda, apontou para o senhor Gonçalo e perguntou se ele não iria embora. Ele disse que não, e falou que eles não eram mais homens que ele. Nesse momento, o homem que estava com a espingarda, engatilhou-a e o senhor Gonçalo fez uma oração; o homem decidido, tentou fazer o disparo, mas a espingarda não disparou. Várias vezes tentou, mas nada aconteceu.

Assim, de tanto tentar e não acontecer nada, o homem desistiu e quando abaixou o cano da espingarda, só caiu água. Com espanto, conferiu o cartucho e o mesmo não tinha mais os chumbos, logo tirou a conclusão que o cartucho tinha disparado, porém os chumbos haviam virado água. Esses homens ficaram com muito medo. O senhor Gonçalo disse: - Vou embora, mas tudo aqui vai acabar!

Contam que no ano seguinte não nasceu mais praia no local e às margens do rio caía o barranco dia e noite, desfazendo tudo que a natureza tinha construído. Toda a fartura que existia naquela região desapareceu. Todos acreditam que esse senhor fez tudo isso usando suas orações. A população que vivia aos arredores de onde esse senhor morava o respeitava, e acreditava que suas orações eram muito poderosas, que fez com que aquele lugar se transformasse em um espaço improdutivo.

Para os moradores há veracidade nos fatos, pois eles também aparecem em meio a natureza, quando estão trabalhando na agricultura e, de repente, surge algo inexplicável, que até os afligem. Eles imaginam que tudo isso acontece por ser um lugar estratégico da Amazônia e, por isso, a comunidade poder ter uma incidência maior desses acontecimentos, como é relatado pelos moradores. Quando relataram a narrativa que envolve “O Macaco Buri Buri”:

Dizem os antigos moradores de Tauaru, que o Macaco Buri Buri atormenta os caçadores e moradores da localidade e os seguidores da religião Santa Cruz. Houve um tempo em que as pessoas dessa comunidade sobreviviam apenas da agricultura, caça e pesca, por isso, eram obrigados a desenvolver essas atividades todos os dias ao longo dos anos. Quando se fala das caçadas, não é diferente; os caçadores saíam para as caçadas todos os dias e noites, tinha alguns deles que passavam de semana nas matas. Muitas vezes, entravam para a terra firme, como são chamadas as florestas onde se caçava com frequência, terras que não são inundadas no período de cheia dos rios, onde se encontra uma quantidade enorme de espécies de animais. Local que ao procurar, se encontra com mais facilidade o que se procura. Nessas terras buscavam caçar animais como: anta, paca, porco caititu, porco

queixada, cutia, tamanduá, veado, tatu, vários tipos de macacos, mutum, jacamim, cujubim, jacu, inambu, entre outros.

Os caçadores entravam para as caçadas em equipes de três a sete caçadores em busca das caças e usavam como instrumento as espingardas, sendo elas de calibre 16mm e 20mm. Igualmente, utilizavam bufetes (armas caseiras, feitas com pedaço tubo de ferro, madeiras e prego), que eram deixados como armadilhas (técnicas de caças usadas pelos caçadores nas veredas dos animais) local de passagem de animais como: antas, veados, pacas e porcos. Passam com frequência em alguns períodos do ano e de baixo das cominidias (árvores frutíferas, que os animais comem debaixo, no período em que as frutas estão maduras e caindo no chão).

Ao longo das caçadas, os caçadores ouvem algo que acreditam ser de seres de outros mundos. Como ocorreu num certo dia, quando uma equipe de caçadores entrou para a mata para as caçadas e, ao chegar no tapiri – local onde eles ficavam, dormiam, faziam comida, deixavam suas coisas; tratavam, salgavam e armazenavam as carnes dos animais que caçavam no decorrer do dia – à noite, começaram a ouvir sons emitidos por animais, ainda desconhecidos por eles. Os sons eram emitidos como “buuriri buuriri, buuriri buuriri”. Canto bem alto, se ouvia longe e foi se aproximando do tapiri, onde estavam deitados, descansando. Ficou, mais ou menos, três dias próximo do local onde estavam, sempre à noite.

Por medo, não saíam para ver que tipo de animal era, mas com o passar dos dias, como só faziam barulho, saíram do tapiri com as lanternas e as espingardas para tentar identificar o tipo de animal. Ao se aproximarem, viram que eram macacos, macacos de aparência estranha, diferente de todos os macacos que já haviam visto e caçado, macacos dos dentes grandes, como de leão ou de onças. Assim, ficaram com muito medo, ainda mais pelo comportamento deles. Ao se aproximarem, os macacos correram em direção a eles e os caçadores começaram a correr de volta para o tapiri. Antes de chegarem, foram alcançados, e esses macacos começaram a mordê-los, por todos os cantos do corpos, tentando matá-los. Os caçadores começaram a atirar nos macacos, mas eles não morriam; continuaram correndo. Ao conseguirem escapar, todos perceberam que se tratavam de seres sobrenaturais.

Como estavam perto de onde tinham deixado a canoa, correram em direção à ela, abandonando o tapiri, as caças que tinham matado, as coisas que tinham levado, deixando tudo para traz. Saíram de Igarapé abaixo para tentar escapar e os macacos vinha acompanhando, tentando alcançá-los. Eles só desapareceram quando o dia estava raiando. Ao chegar na comunidade, o temor se apoderou de todos os moradores, vendo a situação dos caçadores, e os relatos dos acontecimentos presenciados por eles. E o mesmo aconteceu com outros caçadores, de outras comunidades, que adentraram nessas matas para caçar; os relatos eram os mesmos, foram atacados por esses macacos de aparências estranhas e muito ferozes. Passou-se muito tempo, os caçadores não podendo mais realizar as suas caçadas em paz. Toda vez que iam, voltavam da mata às pressas e amedrontados.

Considerou-se, ainda, outros acontecimentos que, por sua vez, constituem a riqueza dos mitos, fatos e histórias vivenciadas pelos moradores da comunidade indígena Kokama de Tauaru. Pode-se relatar, como exemplo, outros fenômenos sobrenaturais vivenciados pelos residentes, não descritos no texto, mas referenciados nesse parágrafo, como: O bate bate do Igarapé do Pimenta; As queixadas sem couro; O homem do igapó do bunitizal; O cavalo da comunidade; A mulher desesperada; Visagem e assombração; O campo da natureza; O touro misterioso; Procissão dos mortos; Os meninos do cemitério; O caçador misterioso; O homem da enseada;

Encanto da praia; A carroça do demônio; A alma do barranco; A freira misteriosa; O bode berreiro; Coqueiral encantado.

São essas e outras histórias que povoam o imaginário da população da etnia Kokama de Tauaru e faz com que essa localidade se torne famosa e uma terra cheia de encantos e mistérios para quem acredita e passa a conhecer os limites e profundidades desses contos, valorizando, pois eles engrandecem e enriquecem a cultura dos habitantes da microrregião do Alto Solimões, e da região Amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação na comunidade indígena de Tauaru foi relevante, pois oportunizou conhecer um pouco mais das tradições de um povo que se formou a partir de sua maneira de pensar, seus costumes e suas crenças. Isso fez com que se buscasse não apenas os contos narrados pela ocasião da formulação do trabalho, mas outras fontes que evidenciam um pouco mais da cultura desse povo Kokama, uma vez que pouco se tem escrito sobre a cultura dessa população. Essa população tem uma diversidade enorme de conhecimentos e saberes que, somado aos conhecimentos acadêmicos, pode muito contribuir para o fortalecimento da cultura dos povos tradicionais do Alto Solimões, que há bastante tempo fora esquecido, devido a inúmeros fatores (desde o preconceito à forma cruel como esse povo fora submetido a esconder seus costumes e suas crenças).

Espera-se que esse estudo instigue mais acadêmicos a buscar novos saberes ancestrais, guardados no imaginário do povo Kokama, sobretudo o da comunidade Indígena de Tauaru, que luta por seus direitos e deveres como cidadãos brasileiros.

Atualmente, no Alto Rio Solimões, concentra-se uma diversidade de povos que habitam por essas regiões, muito antes das invasões europeias, destacadas pelas Nações Unidas, de 1986. Portanto, os povos originários do Solimões buscam seus direitos e muitos deles estão assegurados por leis, mas ainda há muita negligência às bases políticas de negação nesse sentido. Contudo, continuam firmes nas lutas constantes, com a criação de organizações que representam os seus interesses perante a sociedade nacional e global.

É importante enfatizar que os conflitos entre as populações étnicas entre os Ticuna e os Kokama foram intensivos durante muito tempo, mas essencial para futuras relações sociais dos grupos, que atualmente, juntos, buscam fortalecimento para firmar-se coletivamente. Assim, com outros grupos étnicos, o Kokama passou a

mobilizar-se para adquirir uma existência coletiva versado na força das organizações. Alternativas que encontraram para permanecer e revitalizar a sua cultura milenar.

Destaca-se que os povos indígenas, entre eles os Kokama, são sobreviventes e resistentes da história de uma sociedade colonizadora. Ainda guardam em suas histórias orais profundas marcas de perdas e, ao mesmo tempo, de recuperação do processo identitário e digno para restabelecer a vida cultural no tempo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÜERO, Oscar Alfredo. **El milenio en la Amazonía Peruana: mitología tupi-cocama o la subversión del orden simbólico**. Lima: CAAAP; Quito: Abya-Yala, 1994. 259 p.

FERREIRA, Barros. **Verdades e mistérios da Amazônia**. São Paulo: Editora Clube do Livro LTDA, 1967.

LOPES, Elizângela; PINTO, Maria Auxiliadora Coelho. **Memórias Kokama de Bom Jardim II**. Alexa Cultural: São Paulo; EDUA: Amazonas, 2019.

PIB SOCIOAMBIENTAL. *Kokama*. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RAMOS, Luciana. **Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena São Domingos do Jacapari e Estação**. Brasília: Funai, 2003.

THOR, Antonio Jorge; BEZERRA, Ararê M. **Amazônia: símbolos, enigmas e astronautas**. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1977.